

COPENHAGUE, A NOSSA ESPERANÇA

O *Protocolo de Quioto* é um marco mundial no debate sobre o clima. Após anos de discussões presas aos laboratórios e centros de pesquisas, Quioto escancarou ao mundo a necessidade de políticas imediatas contra a emissão de gases de efeito estufa. Naquela época, não sabíamos, mas o momento era chave. Dez anos antes de Quioto, o aquecimento global era algo distante, quase um mito. Dez anos depois dele, era uma realidade tão tangível quanto os automóveis, as chaminés industriais e as árvores desmatadas que tanto contribuíram para o agravamento da situação.

A Conferência de Copenhague que se realizará em dezembro é, antes de tudo, a esperança de que as metas e compromissos assumidos doze anos atrás não serão jogados fora e que a luta global pelo combate ao aquecimento será apenas fortalecida. Sabemos que não será fácil. Com a crise recém-encerrada e as dificuldades econômicas pelas quais passam os países em todo o globo – os Estados Unidos, por exemplo, registraram 10,2% de desemprego em novembro de 2009, índice não alcançado desde 1983 –, sustentabilidade é uma das últimas coisas em que os governantes gostariam de pensar neste momento.

Porque pensar em sustentabilidade é pensar no futuro – e o futuro não serve aos problemas de agora. O Brasil tem o segundo maior programa de etanol do mundo (e, defendemos, o melhor), mas o que está nas manchetes é a camada do pré-sal e a possível guinada que ela dará na economia brasileira no curto e médio prazos.

É claro que o pré-sal é importante. Na seção “Entrevista” desta edição, a secretária de Mudanças Climáticas e Qualidade Ambiental, Suzana Kahn Ribeiro, afirma que o pré-sal não irá prejudicar os biocombustíveis e explica que o governo pretende investir em uma Ação Nacionalmente Adequada de Mitigação (Nama) específica para o etanol de segunda geração. É uma previsão otimista, como nós do Cenbio sempre gostamos de ser.

Por esse motivo, acreditamos em Copenhague. Acreditamos que os líderes mundiais irão comparecer e que um acordo global será discutido, ainda que não seja assinado. Acreditamos que Lula, Barack Obama, Gordon Brown e outros importantes chefes de Estado irão cumprimentar-se, sentar-se juntos e discutir os 0,8 graus que o planeta já aqueceu e os 6,4 graus que poderá ter aquecido até o final do século (segundo a mais pessimista das previsões) e deem a esses números a atenção que eles merecem.

Nossa matéria de capa sobre a Conferência de Copenhague resgata tudo que foi feito como preparação para a reunião e detalha como o Brasil pode fazer sua parte. Nossa falta de ação em alguns pontos, infelizmente, se compara à inércia dos países mais poluidores do globo. Mas só em alguns pontos. Nossos programas de biocombustíveis, contra o desmatamento e de MDLs mostram como há disposição no país, pública e privada, para reverter os números de emissões de CO₂.

Um bom exemplo disso é nossa meta para Copenhague, conforme anunciado: entre 36,1% e 38,9% até 2020 – número bem maior que os confortáveis 20% que já reduziríamos por causa das quedas no desmatamento.

Nós, do Cenbio, acreditamos nesses números e acreditamos no Brasil. Que Copenhague seja um espelho dessa confiança e termine dando motivos para que o planeta inteiro continue acreditando.

Boa leitura!

Suani Teixeira Coelho

Editora

Coordenadora do Centro Nacional de Referência em Biomassa (Cenbio)
Instituto de Eletrotécnica e Energia
Universidade de São Paulo



COPENHAGEN, OUR HOPE

The *Kyoto Protocol* is a world landmark in the climate debate. After years of discussions confined to laboratories and research centers, Kyoto made clear to the world the need of immediate policies against greenhouse gas emissions. We ignored it then, but it was a key moment. Ten years before Kyoto, global warming was something distant, almost a myth. Ten years after it, it was as much a tangible reality as vehicles, industrial chimneys and the deforested trees that so much contributed to aggravating the situation.

The Copenhagen Conference to be held in December is, above all, the hope that the goals and commitments made twelve years ago will not be thrown away and that the global struggle to fight warming will only be strengthened. We know it will not be easy. With the recently ended crisis and the economic difficulties undergone by countries all over the world – the United States, for example, recorded 10.2% unemployment in November 2009, a rate not reached since 1983 –, sustainability is one of the last things of which governments would like to think at the moment.

Thinking of sustainability is thinking of the future – and the future does not seem fit for the present problems. Brazil has the second largest ethanol program in the world (and, we advocate, the best), but what is seen in headlines is the pre-salt layer and the possible turn it will cause to the Brazilian economy in the short and medium terms.

Pre-salt is surely important. In the “Interview” section in this issue, the Secretary of Climate Change and Environmental Quality, Suzana Kahn Ribeiro, states that pre-salt is not going to harm biofuels and explains that the government intends to invest in a Nationally Adequate Mitigation Action (Nama) specific for second-generation ethanol. It is an optimistic forecast, as we at Cenbio like to be.

For this reason, we believe in Copenhague. We believe that the world leaders will be present and that a global agreement will be discussed, even if it is not signed. We believe that Lula, Barack Obama, Gordon Brown and other important Heads of State will greet each other, sit together and discuss the 0.8 degrees Celsius the planet has already warmed and the 6.4 degrees Celsius it may have warmed by the end of the century (according to the most pessimistic of forecasts) and give these numbers the attention they deserve.

Our cover article on the Copenhagen Conference recalls all that has been done as a preparation for the meeting and details how Brazil can do its share. Our lack of actions in some points is unfortunately compared to the inertia of the most polluting countries in the globe. Yet only in some points. Our biofuel programs, our fight against deforestation and CDMs show how much disposition, both public and private, there is in the country to revert the CO₂ emission numbers.

A good example of this is our goal for Copenhague, as announced: between 36.1% and 38.9% by 2020 – a much larger number than the comfortable 20% that we would already reduce due to the decrease in deforestation.

We, from Cenbio, believe in these numbers and believe in Brazil. May Copenhagen mirror this trust and eventually provide reasons for the whole planet to keep believing.

Enjoy your reading!

Suani Teixeira Coelho

Editor

Coordinator of the Brazilian Reference Center on Biomass (Cenbio)
Institute of Electrotechnics and Energy
Universidade de São Paulo